

Editorial

Com o Dossiê de “Filosofia Brasileira”, a Revista *Argumentos* se insere nos esforços de reflexão sobre um tema bastante complexo e de certa forma subvalorizado por boa parte da nossa comunidade acadêmica. Ao fazê-lo, ela segue a esteira de iniciativas importantes, como, por exemplo, as publicações dos resultados do “Colóquio Antero de Quental”, organizado por José Maurício de Carvalho na revista *Saberes Interdisciplinares*, além dos textos relativos ao “IIº e IIIº Colóquio Pensadores Brasileiros”, preparados por Paulo Margutti e publicados pela Editora Fi. Esses trabalhos convergem, sobretudo, na tentativa de retirar da invisibilidade o pensamento brasileiro e de superar o olhar cabisbaixo do seu interesse, se comparado à sobranceira visada que se dirige à filosofia que não fala português.

Este Dossiê também se nutre das forças associadas de duas iniciativas sediadas na cidade de Fortaleza: o Centro de Estudos em Filosofia Brasileira, da Faculdade Católica de Fortaleza, e o Núcleo de Estudos Brasileiros, da Universidade Federal do Ceará.

A nosso ver, entre os muitos objetivos dos organizadores, ao menos dois foram alcançados com indubitável sucesso. O primeiro está na apresentação do panorama das diferentes abordagens da temática, o que fica muito bem exposto na variedade e na singularidade das perspectivas dos artigos que formam o Dossiê. Devemos, porém, observar que a lista é apenas exemplar, não exaustiva, quer dizer, há uma infinidade de perspectivas faltantes, às quais esperamos poder prestigiar no futuro. O segundo só foi possível pela generosidade dos autores envolvidos: reunir num único volume alguns dos nomes mais expressivos da pesquisa atual sobre a temática.

Para sermos mais claros, no que concerne aos objetivos acima, podemos simplesmente elencar os títulos e os autores e deixar ao leitor a palavra final.

Em geral, os textos apontam em três direções inicialmente bem delimitadas. No primeiro caso, temos a proposta de uma leitura sistemática da filosofia feita no Brasil. É neste grupo que lemos “A filosofia no fogo cruzado de direita e esquerda”, de Julio Cabrera (UnB); “Fazer filosofia no Brasil”, de José Crisóstomo de Souza (UFBA); “Filosofia Brasileira: marcos teóricos”, de José Maurício de Carvalho (UFSJ); “Formas do pensar: aportes metodológicos à filosofia brasileira”, de Lúcio Marques (UFTM); “Ideias para uma epistemologia da filosofia brasileira”, de Evanildo Costeski (UFC); e “Os letrados e a filosofia no Brasil, ou Notas para uma fundamentação da ideia de filosofia brasileira”, de Luiz Alberto Cerqueira (UFRJ).

Uma segunda senda aponta para uma abordagem que privilegia a historiografia da filosofia do Brasil, sobretudo resgatando alguns personagens fundamentais do caminho de construção de um modo particular de ver o mundo. Neste segundo conjunto, vemos os artigos de Paulo Margutti (FAJE), “A teoria do conhecimento de Antonio Pedro de Figueiredo”; Luís Manuel A. V. Bernardo (Universidade Nova de Lisboa), “A Filosofia de Matias Aires: uma Ciência do Tempo?”; Julio Canhada (USP), “Como aprender a ser filósofo no Brasil no século XIX”; Halwaro Freire (FCF), “Tobias Barreto e as questões kantianas”; Cláudia Rocha (FAJE), “A filosofia de Lima Vaz”; Noeli Rossato (UFSM), “Utopia, história e profecia. O joaquimismo como filosofia brasileira”; Vinícius Silva (UFMS), “A Filosofia da Ciência de Pedro Américo” e o depoimento de Marcelo Perine (PUC-SP), “Padre Vaz no meu caminho filosófico”.

Por fim, quatro escritos fazem justiça à tradição brasileira de propor questões específicas de filosofia em textos não necessariamente sistemáticos. Há, portanto, uma forma de leitura de fronteira que aqui se mostra nos argumentos de Maia Neto (UFMG) em “A evolução cética na ficção de Machado de Assis” e Daniel Benevides (FCF) com “As personagens femininas na ficção cética de Machado de Assis”, bem como em Roberto Amaral (UFT), no artigo “Linguagem e metafísica em Guimarães Rosa” e José Salatiel (UFES), com “Injustiça testemunhal em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*: um estudo sobre os efeitos dos vícios epistêmicos”.

A delimitação dessas direções é tão-somente indicativa, logo superada por inúmeras vias abertas dentro de cada perspectiva assumida, num universo de subdivisões que aqui não podemos tocar.

Evidentemente uma apresentação que se resume ao elenco dos títulos e dos autores não faz jus aos textos que dispomos neste Dossiê. No entanto, como o leitor pode intuir, uma análise, ainda que breve, resultaria em algo muito maior daquilo que deve ser um editorial (além de acrescentar pouco à leitura dos textos).

Na seção *varia* da Revista, temos as valiosíssimas contribuições de Alberto Batista Neto (UFRN), “Matemática e metafísica em Platão e Aristóteles”; Fabiano Incerti (PUCPR), “Governamentalidade e pilotagem na antiga Grécia: uma análise Foucaultiana”; Wagner Moreira (UFTM) e Rafael Botelho (Universidad Autónoma de Barcelona), “Corpo/Corporeidade e Ciência/Tecnologia: encontros e desencontros?”, e Leonardo Avanço (UNESP) e José de Lima (UNESP), “Íntimas conexões entre música, educação e jogo em *Diálogos* de Platão”.

Guimarães Rosa dizia que um bom amigo vale mais do que uma boa carabina. Não poderíamos deixar de lavrar nesse espaço a gratidão aos colegas que colaboraram com a realização deste Dossiê. Agradecemos, então, a todos os pesquisadores que acolheram este projeto com gentileza e prontidão extraordinárias. Gostaríamos de recordar alguns em particular, sem os quais este volume dificilmente teria a forma que agora entregamos ao leitor: nosso reconhecimento aos professores Paulo Margutti, José Crisóstomo e Julio Cabrera. Da mesma forma, somos gratos a Odílio Aguiar e Evanildo Costeski, pelo entusiasmo e confiança de primeira hora.

Por fim, desejamos ao leitor uma excelente experiência com os textos que seguem estas linhas, esperançosos que somos de que a reflexão proposta se enriqueça e a nossa compreensão do problema se aprofunde.

Boa leitura.

Os editores convidados